

Entre desarranjos e desejos: a missiva poética de Graciliano Ramos

Thalita de Oliveira Simões Banhos*

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Com a pena suspensa, Graciliano Ramos percorre as sinuosas e provocativas possibilidades de expressão de seus sentimentos a Heloísa Medeiros, que se tornaria sua segunda esposa e destino de cartas de amor que refletem o que, a partir de Deleuze e Guattari, entendemos como elementos de um afecto deterritorializado. O registro dessas emoções em desarranjo aparece em cartas confidentes de Graciliano à Heloísa que revelam, dentre outros aspectos, o manejo da máquina literária do autor como um exercício empírico de uma complexa rede de emoções ambivalentes, desejos inalcançáveis e fugas. Em *Kafka: Por uma Literatura Menor* (2003), a carta e o amor rompem as fronteiras territorializantes de gênero e sentimento, confrontando ideias de perfeição e ocultação das falhas.

PALAVRAS-CHAVE: Carta. Poética. Amor. Graciliano Ramos.

ABSTRACT

With his pen suspended, Graciliano Ramos explores the winding and provocative possibilities of expressing his feelings to Heloísa Medeiros, who would become his second wife and the recipient of love letters that reflect what we, drawing from Deleuze and Guattari, understand as elements of a deterritorialized affect. The record of these unsettled emotions appears in Graciliano's intimate letters to Heloísa, revealing, among other aspects, the author's manipulation of the literary machine as an empirical exercise in a complex web of ambivalent emotions, unreachable desires, and escapes. In *Kafka: Toward a Minor Literature* (2003), the letter and love break the territorializing boundaries of genre and sentiment, confronting ideas of perfection and the concealment of flaws.

KEYWORDS: Letter. Poetics. Love. Graciliano Ramos.

Ao aventurar-se na leitura de um clássico, é possível que o leitor erga-se munido de expectativas. O leitor atento percebe e aprova estilo e temas dos grandes romancistas e poetas tornando-os “seus” clássicos. Estes, segundo uma das definições propostas por Italo Calvino em *Por que ler os clássicos* (2007), revelam-se inéditos a cada leitura, ao ponto de serem associados aos fatos correntes da vida como citação, reflexão ou filosofia.

Uma obra clássica tende a ser incansavelmente lida pela crítica especializada e pelo público em geral, além de apresentada nas escolas e discutidas nas rodas intelectuais. Graciliano Ramos, longe de qualquer falsa modéstia, expressava de forma irônica a

* ORCID – thalitadeosb@gmail.com

Recebido em 15/08/2024
Aprovado em 02/10/2024

possibilidade de seus textos ocuparem essa prestigiosa cúpula literária. Antes, valorizava em sua escrita o retrato de uma realidade brasileira desconhecida pelo eixo sul, doutores do conhecimento, como traz em carta escrita em 1ª de novembro de 1932 à sua esposa Heloísa: “quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão S. Bernardo, cochilando, e procurarão nos monólogos de seu Paulo Honório exemplos de boa linguagem” (RAMOS, 2022, p. 200).

Em menos tempo, Graciliano já está consagrado como um clássico da literatura brasileira. Em vida, aperreava-se com a necessidade de ganhar dinheiro com seus textos para sustentar a família, publicava contos e artigos que podem ser consultados em *Insônia* (1947), *Linhas tortas* (1962) e *Garranchos* (2012). Publicou os infantis *A terra dos meninos pelados* (1937), *Pequena história da República* (1940) e *Histórias de Alexandre* (1944), que lhe renderam prêmios literários. Resgistou memória em *Infância* (1945) e nos póstumos *Memórias do cárcere* (1953) e *Viagem* (1954). Entre os romances, quatro e decisivos para a literatura nacional: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938).

Nesses textos, Graciliano consagrou seu nome ao que Alfredo Bosi define como “o ponto mais alto de tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou” (BOSI, 2021, p. 428) e deixando a marca das “mesmas vinte palavras”¹ com que expressa seu senso de problema². Contudo, a assinatura privilegiada³ de Graciliano Ramos não se limita a esses textos. Ela também se manifesta em suas correspondências, onde se evidenciam interesses e reflexões do autor.

Em 1980, foi publicado pela editora Record o volume *Cartas*, que reúne correspondências íntimas de Graciliano Ramos datadas entre 1910 e 1952. Os destinatários são: o amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, a mãe Maria Amélia Ferro Ramos, o pai Sebastião Ramos de Oliveira, as irmãs Leonor, Otacília e Marili Ramos, a esposa Heloísa de Medeiros Ramos, o cunhado Luís Augusto de Medeiros e os filhos Júnior, Clara, Luiza e Ricardo Ramos.

Outro volume de cartas foi publicado em 2008 pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA): *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro*. Organizado pelo professor Pedro Moacir Maia com 21

1. Referência ao poema *Graciliano Ramos*, de João Cabral de Melo Neto. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/11507/graciliano-ramos>.

2. Em *Ficção e confissão*, Antônio Candido observa como memória e ficção entremeiam-se na criação literária de Graciliano e como a atenção às problemáticas relacionadas à condição social e subjetiva do homem são articuladas: “os seus romances são experiências de vida ou experiências com a vida, manipulando dados da realidade com extraordinário senso de problemas” (CANDIDO, 2012, p. 92).

3. No ensaio *Suas cartas, nossas cartas* (2006), Silvano Santiago analisa as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade observando o traço literário que escritores consagrados conferem aos escritores que lhe competem, independente do gênero.

cartas endereçadas a Benjamin de Garay e 03 a Raul Navarro, os primeiros tradutores e críticos estrangeiros a receberem e ressoarem contos e romances de Graciliano.

Graciliano foi um missivista dedicado. Em entrevista à Alice Raillard, Jorge Amado destaca a assídua comunicação entre os escritores da década de 1930 e a importante interlocução sobre a produção literária da época

naquela época, no Brasil, as pessoas se correspondiam, de norte a sul o mundo da literatura era muito restrito, não passávamos de trezentos; todos se conheciam, lia-se tudo que era publicado, e nos correspondíamos. Eu recebia pelo menos uma carta por semana de Érico Veríssimo, outra de Graciliano Ramos, de Rachel de Queiroz, de todo mundo (AMADO, 1992, p. 48).

Em uma carta enviada a José Lins do Rego em 1935, Graciliano comenta sobre *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado. Ele destaca a qualidade admirável e os estilos próprios dos dois autores, reconhecendo a convergência de suas obras como “literatura revolucionária”, afirmando: “afinal, todos vão marchando para a esquerda, cada qual no seu caminho”⁴.

Percebe-se que o diálogo entre Graciliano e seus pares escritores nordestinos transcende a mera troca de ideias literárias. Enraizados em um solo fértil de ideais políticos compartilhados, estes encontros se configuram como espaços onde se entrelaçam vozes e experiências, moldando um ambiente de denúncia e resistência contra a opressão.

Além da essência social das cartas, Graciliano também elabora subjetividade.

Em carta de 5 de outubro de 1914, o jovem Graciliano Ramos, então com 21 anos, escreve à sua irmã Leonor confessando uma ausência: “escrever apenas por gosto, para não ter resposta, não é nada consolador” (RAMOS, 2022, p. 47). Saído de Alagoas para o Rio de Janeiro na companhia do amigo de infância Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, Graciliano buscava estabelecer-se na imprensa carioca. Lá, trabalhou como revisor no *Correio da Manhã* e nos jornais *A tarde* e *O século*. Levava uma vida de muita leitura e poucas saídas do quarto, seu escritório.

Nessa rotina, a troca de correspondências com a família era um pacto firmado que independia de novidades ou assunto relevantes, pois a carta não tinha o objetivo limitado ao trânsito de informações. Antes, as informações passadas nas cartas serviriam como um exercício de presença, onde o missivista buscava criar um laço contínuo, como exemplificado no trecho abaixo de carta Graciliano à Heloísa em 31 de janeiro de 1928

Escreve-me aí qualquer coisa, meu amor. Se te faltar assunto, se não houver em tua alma uma pequenina parcela de afeição para mim, manda-me dizer o romance que estás lendo, a cor da roupa que vestes, o enredo da última fita a que assististe (RAMOS, 2022, p. 147).

4. RAMOS, Graciliano. In: Nestor Pinto de Figueiredo. A correspondência passiva de José Lins do Rego. Revista brasileira. Rio de Janeiro. Fase VII Ano XI N. 42. p. 31-50. Janeiro-Fevereiro-Março. 2005, p. 44.

Para além da função prática de intercâmbio de informações, a carta era também fluxo, ambiente interativo entre o missivista que oferece algo de si e o outro, de quem anseia-se a carta-resposta como a um “calmante ou vermífugo”, um retorno de efeito benéfico ao trabalho empírico, como Silviano Santiago observa em Suas cartas, nossas cartas (2006). É o consolo daquele que “resiste mal, muito mal”⁵ à ausência de reação aos seus envelopes.

Em 18 de janeiro de 1928, Graciliano reforça a intenção que acompanha sua escrita: “se pudesse, empregaria todo o tempo em escrever-te, só para ter o prazer de receber respostas” (RAMOS, 2022, p. 132), demonstrando que a escrita da carta está condicionada ao desejo de resposta, à possibilidade das trocas afetivas.

Em sua diversidade de interlocutores são observados diversos tons de diálogo que denunciam na interação estabelecida entre remetente e destinatário o reflexo de ambos os lados do jogo discursivo

A carta traz em si o desejo de traduzir um tete-à-tête sombrio e límpido em que o espelho tanto é a caligrafia [...] na folha de papel em branco, quanto é o correspondente. Ao se entregar ao amigo, o missivista nunca se distancia de si mesmo. O texto da carta é semelhante ao alter ego do escritor em busca de um diálogo consigo e com o outro. Exercício de introspecção? Sim. Desde que se defina introspecção como aconselha Michel Foucault – antes de ser uma decifração do sujeito por ele próprio, a introspecção é uma abertura que o sujeito oferece ao outro sobre si mesmo (SANTIAGO, 2006, p. 64).

Santiago confronta remetente e destinatário ante a natureza dialógica e reflexiva da carta, enfatizando como ela serve tanto para o remetente quanto para o destinatário como um espelho – seja através da caligrafia ou da presença do outro – no qual o remetente, ao escrever, se revela tanto para si mesmo quanto para o destinatário. Esse processo de escrita epistolar não é apenas uma introspecção no sentido tradicional, mas sim uma abertura do sujeito ao outro, uma troca que permite ao remetente ver a si mesmo através do olhar do destinatário. Sendo a troca epistolar, assim, tanto um diálogo consigo quanto uma comunicação com o outro, um espaço em que o eu e o outro se entrelaçam de maneira íntima e reflexiva.

O que nos reporta à ideia de que em Fragmentos de um discurso amoroso, de Roland Barthes, as cartas tecem um mosaico de sensações a serem experimentados em cada troca. Segundo Barthes, no capítulo em que trata da carta de amor, instaura-se

5. Em carta de 31 de janeiro de 1928 à Heloísa de Medeiros, ainda noiva, Graciliano queixa-se da pouca frequência com que a amada se corresponde com ele alegando resistir mal à falta de respostas: “Mandei-te légua e meia de papel coberto de letra miúda. Talvez tenhas dito: – ‘Deixá-lo! Uma folha a mais ou uma folha a menos, não tira nem põe. Sempre quero ver se aquele pobre-diabo resiste sem receber resposta.’ Resisto mal, muito mal.” (RAMOS, 2022, p. 146).

nesse contexto antes uma relação que uma correspondência. Entre o codificado e a expressividade, entre o esquecimento e a reativação da presença, o desejo incide na expectativa da resposta, sem a qual a imagem do outro é frustrada.

Tanto no exemplo dado por Barthes (a cobrança por resposta de Freud a sua noiva), como no caso de Graciliano e Heloísa (a necessidade do retorno íntimo e de um certo jogo entre linguagem e vivência afetiva) há uma elaboração de sentidos que passa pela construção literária.

Ao falar sobre a literatura de Graciliano, é natural que o leitor anteveja a linguagem que o reverenciou como um clássico de prosa enxuta, sua “escrita seca, magra como ele; insone, feito um fumante; que sabe a pobreza e a prisão”, na síntese de Wilberth Salgueiro⁶. Acostumados a um Graciliano sem reticências⁷, as cartas escritas à Heloísa chamam a atenção pela expressividade e recursos líricos confidenciando “um romântico idiota e ainda por cima hipócrita, talvez até poeta” (RAMOS, 2022, p. 147) em declarações que fervilham múltiplas sensações a serviço de uma: o amor. Demonstrando que os diversos tons de diálogo marcarão o direcionamento dado à leitura de sua literatura epistolar, considerando o interlocutor e as aberturas propostas pelo remetente.

Graciliano Ramos conheceu Heloísa Medeiros nas festividades natalinas de Palmeira dos Índios em 1927. Dênis Moraes, em *O velho graça* (1992), narra que Graciliano apaixonou-se por Heloísa tão logo passara por ela na rua. Uma jovem de 18 anos incompletos, filha de Américo Medeiros, secretário do Tribunal de Justiça de Alagoas e que estudaria música no Conservatório Brasileiro, no Rio de Janeiro, por influência da mãe. Informações que não eram de conhecimento ou relevância para Graciliano, como em carta de 24 de janeiro de 1928, já noivos, sinalizou: “Julgas que perguntei a alguém se tinhas habilidades, se tocavas piano, se fazias flores de parafina? Não perguntei nada. Minha loucura revelou-me tudo de pronto,” (RAMOS, 2022, p. 144). Graça atribuía a paixão a um loucura que sucubiram os dois. Um encantamento sem explicações lógicas, explorando a natureza intensa e quase irracional de sua paixão por Heloísa Medeiros, o que reflete uma visão profundamente introspectiva e poética de seus sentimentos

Perguntas-me que me fizeram teus olhos. Transtornaram-me, é claro. Mas a ti fizeram coisa pior: enganaram-te. Não te serviram para ver-me. Foi a tua loucura que me viu, essa loucura que poderá chamar-se imaginação, loucura que povoa os céus,

6. Em lembrança aos 50 anos da morte de Graciliano Ramos, em 2013, o Prof Dr Wilberth Salgueiro publica no jornal *Informe Ufes o texto Graciliano: uma poética do corte* destacando pontos da estética e produção literária que consagraram Graça como clássico da literatura. O texto pode ser lido no livro *Prosa sobre Prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções* publicado em 2013 pela Edufes. Disponível no site: <https://edufes.ufes.br/items/show/285>.

7. Em *Retrato Fragmentado* (1992), Ricardo Ramos registra quando perguntou ao pai por que ele não usava reticências e exclamação em seus textos, ao que Graciliano responde: “Reticências, porque é melhor dizer do que deixar em suspenso. Exclamações, porque não sou idiota para viver me espantando à toa.” (RAMOS, 1992, p. 20).

embeleza a terra e, aplicada aos seres infinitamente pequenos, faz que se modifique e tome forma apreciável um pobre diabo como eu (RAMOS, 2022, p. 148).

Uma visão romântica e, ao mesmo tempo, realista, que sublinha a complexidade dos sentimentos humanos e a maneira como o amor pode transformar nossa percepção de nós mesmos e dos outros.

O efeito desse encantamento foi tal ao ponto de levar Graciliano, ateu declarado, a assistir às missas para ver Heloísa e menos de dois meses depois, em 16 de fevereiro de 1928, casarem-se em Maceió, sob a benção do padre José Leite que ao menos liberou os noivos da confissão, a pedido de Graciliano.

Nesse curto período de cortejo, o sisudo Graciliano rendeu-se ao lirismo das cartas de amor e à ansiedade de um Romeu apaixonado. Com uma média de uma correspondência a cada três dias, o sentimentalismo de Graciliano envolveu Heloísa em uma complexa rede de emoções, desejos e fugas.

Em Kafka: para uma literatura menor, Deleuze e Guattari percorrem os desejos inalcançáveis expressos nas cartas de Kafka, considerando-os como o verdadeiro destinatário. A carta de amor não é, necessariamente, amor, mas sim um mecanismo que opera dentro de uma rede de desejos, necessidades e funcionamentos. O amor deixa de ocupar o espaço que lhe é dado socialmente e assume territórios diferentes, entremendo-se nos assuntos, nos diferentes destinatários, nas ocultações.

Assim como em Kafka, o amor nas cartas de Graciliano se entremeia em diferentes assuntos, permeia outros destinatários (como a própria reflexão do autor sobre si mesmo) e assume formas que vão além do que é socialmente esperado de uma correspondência amorosa.

Deleuze e Guattari também apresentam o conceito de “maquinar cartas”, destacando a ideia de que a escrita epistolar de Kafka não se limita à expressão sincera de seus sentimentos e pensamentos, já que “não é de todo uma questão de sinceridade ou não, mas de funcionamento” (DELEUZE, 2003, p. 58). As cartas, nesse contexto, são ferramentas para a construção de um universo ficcional, onde as emoções, as personagens e as situações são cuidadosamente orquestradas para servir aos propósitos do autor.

Em 20 de janeiro de 1928, Graciliano escreve à Heloísa uma carta confessional, ignorando o que talvez seja o pilar central do ato religioso: a confissão plena. Para satisfazer o desejo da amada, Graciliano admite seus pecados, afirmando que não mente, mas também que não revela todos os segredos: “Queres que te conte os pecados? Não todos, porque há coisas que não conto. Alguns.” (RAMOS, 2022, p. 142). Essa confissão calculada revela um sujeito consciente de que na qualidade de sujeito em decifração, há a possibilidade de criar ou ofuscar o que se é. Graciliano reconhece a natureza ambiva-

lente desse controle quando, ao pedir que Heloísa transmitisse sua confissão ao padre, condiciona o sucesso da cerimônia aos sentimentos que Heloísa nutre por ele:

Não seria mau talvez, agora que estou ajoelhado a teus pés (figuradamente, é claro, porque não posso escrever numa posição tão incômoda), contar-te alguns pecados consideráveis, que um padre amável receberia por teu intermédio, atenuados ou carregados, conforme as tuas disposições para comigo (RAMOS, 2022, p. 142) [grifos nossos].

As disposições de Heloísa para com Graciliano confrontam-no em seu desejo de se casar com ela. Há um jogo de convencimento em processo experimentado por Graciliano às suas próprias custas, ou seja, Graça reconhece a abertura das cartas à expressão de sentimentos e manejo das emoções.

A própria troca de cartas cria e mantém um tipo de pacto entre os interlocutores. As cartas não apenas registram pensamentos ou sentimentos; elas são, em si, o meio pelo qual um vínculo se forma e se sustenta.

A exemplo de Kafka e a filha da porteira da casa de Goethe que serve para ilustrar como essa dinâmica funciona na prática. A troca de bilhetes postais e o fato de a moça escrever “como ele deseja” indicam uma tentativa de Kafka de moldar essa relação através da escrita. Ele se admira com a capacidade da moça de responder da maneira que ele esperava, mas também percebe que ela não o leva completamente a sério, tratando-o como “verbo de encher”, uma expressão que sugere que ela considera sua escrita superficial ou vazia de significado, cedendo à incompletude de concretização do desejo: “já está lá tudo, mesmo se ainda não chegou à perfeição” (DELEUZE E GATARRI, 2003, p. 59), pois não se almeja perfeição. Perfeição é tipo do amor conjugal, e o processo de desterritorialização do amor desenvolvido nesse pacto abdica da necessidade da perfeição romântica e, em vez disso, se dedica à construção de um espaço onde a imperfeição, o desarranjo e a fragmentação são parte integrante do funcionamento literário.

Nesse sentido, a ideia de “desterritorializar o amor” aponta para a tentativa de Kafka de subverter as convenções românticas através da escrita epistolar. As cartas não servem aqui para expressar um amor romântico convencional, mas sim para explorar os desejos, medos e inseguranças do autor de forma complexa e muitas vezes perturbadora.

Em consonância, percebemos também na obra de Graciliano a rejeição a essa perfeição quando no reiterado amor dedicado à Heloísa, não há ocultação das emoções contrárias ao imaginário romântico como o ódio e a indignação. Pelo contrário, ele os reconhece abertamente, rejeitando a ideia de que o amor deve ser puramente idealizado ou isento de conflito.

Ao perguntar à Heloísa se “quererias que, tendo motivo para indignar-me, para odiar-te às vezes, todos os meus sentimentos ruins desaparecessem por milagre e eu me transformasse num santo?” (RAMOS, 2022, p. 140), destaca essa recusa em aderir a um ideal de perfeição inalcançável. E ao dizer “não me transformo, felizmente”, Graciliano enfatiza a importância de aceitar sua própria humanidade e imperfeição.

Essa rejeição à perfeição concorda com Kafka ao refletir uma visão de mundo que valoriza a verdade e a autenticidade nas relações e na comunicação. Em vez de buscar uma perfeição ilusória, tanto Kafka quanto Graciliano parecem preferir uma abordagem que abraça a complexidade e as nuances da experiência humana.

Nessa troca imperfeita e inconclusa busca-se satisfazer a necessidade de absorver algo externo. Imperfeição e inconclusão podem ser relacionadas ao fato de que, ao escrever e trocar cartas, os interlocutores estão constantemente buscando algo externo – seja conexão, compreensão, ou expressão – que nunca pode ser totalmente alcançado ou esgotado.

Essa busca incessante é uma característica fundamental do desejo, que em si é dinâmico e sempre em movimento. O desejo é linha de fuga, uma força produtiva que sempre busca escapar, transformar e criar novas possibilidades. Na correspondência amorosa, esse desejo se manifesta como uma força que impulsiona o missivista a continuar escrevendo.

O missivista se nutre dessas trocas epistolares, pois as cartas funcionam como o sangue que circula, alimentando e fortalecendo tanto a criação literária quanto a emocional: “um fluxo de cartas por um fluxo sanguíneo” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 60).

Graciliano Ramos, ao comentar sobre o retrato que Heloísa o enviou como empréstimo, exemplifica essa complexidade do desejo e da criação literária. O “desejo canalha” de furtar o retrato recebido revela como o desejo e a materialidade dos objetos, como a fotografia, se entrelaçam compondo a máquina literária do autor. A fotografia, juntamente com as cartas, não é apenas um símbolo de afeto ou lembrança, mas parte integrante do processo criativo de Graciliano. Ela alimenta o desejo, que, por sua vez, se torna uma força vital que impulsiona o autor a escrever, a criar. Uma força que atrai Graciliano ao ponto de fazê-lo reconhecer a impotência ante o desejo: “se o desejo vier, não respondo por mim” (RAMOS, 2022, p. 140).

Na impossibilidade de proximidade física, a máquina literária de Graciliano funciona a ele como um ponto de equilíbrio. As correspondências – e fotografia – de Heloísa, revelando-se antídoto ante angústias e desarranjos, são constantemente requeridas por Graciliano:

Meu amor: Tenho passado uns dias inquieto, muito inquieto, e algumas vezes a inquietação se transforma em angústia. Que há? Causei-te algum desgosto? Esperei notícias tuas quinta-feira passada. Nenhuma linha – e isto aqui se foi tornando insípido e deserto (RAMOS, 2022, p. 145).

As trocas epistolares não substituem o anseio pela presencialidade. Graciliano declarava seu prazer no diálogo epistolar experimentando os jogos de forças e desejos articulados no processo e reconhecia-o como território de múltiplas aberturas e criação sem romper com a expectativa pelo encontro físico (,) como no trecho à Heloísa: “perguntas-me quando vou. Oh! meu Deus! Eu queria ir amanhã, desfiz a viagem há pouco. E estou aflito. O que eu devia fazer era deixar que o diabo levasse tudo e fugir para junto de ti. E é o que farei.” (RAMOS, 2022, p. 152).

Há aflição nas ausências do outro. Para Graciliano, Heloísa é o retorno à ordem e por isso é constantemente requerida, tem sua presença evocada na máquina literária e nos planos de encontros futuros.

Aqui há uma diferença crucial para o amor Kafkiano. Tendo Kafka visto Felice apenas uma vez, escrevia-lhe incessantemente tentando forjar um pacto “diabólico” com ela: ele exige que ela escreva duas vezes por dia. Esse pacto é “diabólico” porque substitui a proximidade física por uma conexão distante e manipuladora, sustentada exclusivamente pela troca constante de cartas. Ao fazer isso, Kafka transforma a correspondência em uma força que substitui a presença física e a visão direta, criando uma relação que é ao mesmo tempo íntima e distanciada. Enquanto para Graciliano Ramos as cartas são uma extensão do desejo por um encontro real, para Kafka, elas se tornam o próprio meio de sustentar uma relação que, paradoxalmente, evita o encontro físico.

Dessa forma, ler as cartas íntimas de Graciliano à Heloísa seguindo a linha do amor Kafkiano conduz o leitor-transgressor (a citar Silviano Santiago) por caminhos múltiplos de leituras dos desejos expressos nesse fluxo literário que, ultrapassando as fronteiras de um território de convenções sociais, desmascara a máquina literária de um autor confrontado, entregue ao amor sem idealizações românticas, reconhecendo que o jogo discursivo entre remetente e destinatário espelham a complexidade das relações humanas e que, a despeito de sua recusa à poesia, esta “ocupação tão censurável”⁸, manja a poeticidade em cada carta de amor que confessa à amada.

Referências

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves. 1981. Ed 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

NETO, João Cabral de Melo. *Graciliano Ramos*. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11507/graciliano-ramos>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

8. “‘Sonho do meu poeta’? Que é lá isso? Quando me chamaste romântico, perguntei-te por brincadeira se não ias chamar-me também poeta. Pensarás acaso que eu, quitandeiro e homem de ordem, me entregue a ocupações tão censuráveis?” (RAMOS, 2022, p. 151).

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record. 9. Ed. 2022.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: *Ora (direis) puxar conversa!: ensaios literários*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 59-95.

SALGUEIRO, Wilberth. *Prosa sobre prosa | Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções* (e-book). EDUFES. Disponível em: <https://edufes.ufes.br/items/show/285>; acesso em 10 de agosto de 2024.